

INTRODUÇÃO

A REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Quando das eleições de 1933, a esquerda política, majoritária no país desde os anos 30, fracassa por pouco em sua conquista do poder. A principal força social, o sindicato C.N.T. (*Confederación Nacional del Trabajo*, criada em 1911) e sua irmãzinha, a F.A.I. (*Federación Anarquista Iberica*, reagrupando os libertários da Espanha e de Portugal, criada em 1927) recusaram-se, com efeito, a participar do processo eleitoral, fiéis às suas concepções de revolução social. O boicote foi muito eficaz.

Em contrapartida, em maio de 1936, a C.N.T. decide não pronunciar palavra de ordem eleitoral, mas deixar os aderentes livres para decidir diante de uma esquerda que fez concessões e, notadamente, em caso de vitória eleitoral, a libertação imediata de dezenas de milhares de prisioneiros políticos, dos quais 80% eram anarquistas. É o maremoto. A Catalunha elege como presidente da *Generalitat*¹ Luis Jover Companys. É o começo do que se passou a chamar de *Revolução Espanhola*.

Desde os anos 20, a C.N.T. é um sindicato poderoso que não tem burocracia, aparelho, permanentes pagos (um único funcionário remunerado!). Ela reúne, contudo, mais de um milhão e meio de aderentes, em 1936, sobre vinte e quatro milhões de habitantes! Apenas como comparação, um partido político como o P.O.U.M. conta apenas com dez mil aderentes na mesma época. Todos os quadros da C.N.T. trabalham em fábrica ou escritório. Seu principal jornal é *Solidaridad Obrera* (diário), e o da F.A.I., *Tierra y Libertad*. Suas atividades são múltiplas e não se limi-

tam às portas das empresas: associações de jovens, de mulheres, alfabetização e escolas populares, ateneus nos vilarejos mais ermos... A C.N.T. estrutura realmente uma contra-sociedade libertária.

Com a chegada dos republicanos, a sociedade espanhola começa a respirar mais... a Espanha ainda está no Marrocos, como colonialista. Revolucionários marroquinos querem sublevar-se em julho de 36, apoiados pela C.N.T., e inclusive por Companys. Este, contudo, necessita do sinal verde dos socialistas franceses, os únicos que podem fornecer as armas necessárias. Léon Blum recusa toda ajuda. A insurreição não acontecerá.

Esse detalhe é fundamental. A guerra civil poderia ter sido evitada por essa iniciativa. É, com efeito, no Marrocos espanhol que os facciosos vão preparar e iniciar seu *putsch*. A sublevação fascista assume o lugar da outra, emancipadora, que deveria ter ocorrido. À sua frente, logo brilha um certo Francisco Franco, conhecido pela selvageria com que reprimiu a revolta dos mineiros das Astúrias em 1934. Estamos em 17 de julho de 1936...

No dia 18 ocorre o *putsch* no território espanhol. A C.N.T. de pronto conclama para a greve geral insurrecional (efetiva desde a noite do dia 18). No dia seguinte, 19 de julho, a Andaluzia é tomada. No dia 21, a terça parte do país está nas mãos dos golpistas, mas eles são barrados na Catalunha e em Madri.

Na Catalunha, o presidente Companys propõe à C.N.T. a tomada do poder político. Garcia Oliver, representando a C.N.T., recusa a oferta. O poder, então, está nas ruas, e os anarquistas, ainda ontem perseguidos, vêm-se à frente da *Aliança revolucionária antifascista*. Joaquim Ascaso, Durruti, Garcia Oliver dirigem o *Comité das milícias antifascistas*, formado em 23 de julho. A C.N.T. organiza a retomada do trabalho e a reativação da produção; ela controla a imprensa, a rádio, as grandes manifestações populares.

Alhures, também, a C.N.T. tem o poder social de fato, como



em Aragão, por exemplo, cujos prefeitos e líderes republicanos fugiram como pardais. Só as comunas resistem, autogerindo-se durante a luta.

Nos lugares mantidos pela C.N.T., os responsáveis organizam a distribuição dos bens de consumo, estabelecem um salário familiar, reorganizam as finanças locais, imprimem bônus de consumo (tendo sido suprimido o dinheiro) obedecendo ao critério de pontuação, montam cooperativas e lojas municipais nas quais reintegram os comerciantes que não fugiram, salvam a colheita de julho (não esqueçamos que os homens estão todos na frente de batalha), requisicionam as máquinas agrícolas e os gados, conclamam todos ao trabalho, em particular as mulheres.

A coletivização é mais ou menos intensa segundo as localidades. Elas só podem contar com suas próprias forças. No exterior, não haverá apoio das democracias parlamentares européias. Para elas, o perigo revolucionário é maior que o perigo do fascismo. Na França, o *Front Populaire* nada fará... pela segunda vez.

Desde o outono de 1936, ocupando o espaço deixado vago pelos países europeus, Stalin promete fornecer regularmente armas à República. Em troca, o governo legal deverá frear por todos os meios o processo de emancipação social (que daria um grande mau exemplo aos últimos revolucionários ainda em vida na U.R.S.S.). Aí também, uma revolução não-leninista, antiautoritária, é mais perigosa para Moscou que o perigo fascista. Por sinal, os comunistas russos estão prestes a concluir um pacto com Hitler, e logo irão fornecer armas a Mussolini para invadir a Etiópia.

Stalin sendo o único fornecedor de armas possível, é ele ou ninguém. As armas soviéticas só excepcionalmente chegarão no *front* sustentado pelos milicianos anarquistas e pelos do P.O.U.M., enquanto os comunistas nas cidades da retaguarda estão abarrotados delas (elas ser-lhes-ão muito úteis, logo em seguida, na repressão).

Lembremos que, em 36, o Partido Comunista Espanhol é quase inexistente. Para se opor às organizações libertárias, Stalin vai ter de criar um nos seus moldes, utilizando e cooptando os trabalhadores de direita, os outros sendo todos da C.N.T. ou da U.G.T., o outro grande sindicato, socialista. Ele utilizará a fundo, para isso, as *Brigadas Internacionais*. Os comunistas se infiltrarão na polícia, no exército, na burocracia e ali assumirão os cargos de responsabilidade. Para recrutar, os stalinistas reúnem, facilmente, os camponeses ricos, os burgueses moderados, hostis à autogestão e às coletivizações. A direita, aquela que se camufla, retornará com toda força, discretamente, por intermédio das administrações controladas pelo P.C.E.

Em 26 de setembro de 1936, a C.N.T. (e o P.O.U.M.) aceita participar do governo da Catalunha rebatizado na ocasião de *Conselho de Defesa Regional*.

Em 22 de outubro de 1936, os dois sindicatos, C.N.T. e U.G.T. unidos, precisam seus objetivos: expropriação dos gran-

des capitalistas, coletivização de suas empresas, manutenção dos pequenos produtores.

Em 21 de novembro de 1936, atingido por uma bala (perdida?) no pulmão, Durruti tomba durante a batalha de Madri.

Diante da ameaça fascista sobre a capital, e sob a insistência dos socialistas e do secretário geral da C.N.T., Horacio Prieto, cenetistas aceitam entrar no governo Largo Caballero. Juan Garcia Oliver ocupa a Justiça, Juan Peiré a Indústria, Juan López Sánchez o Comércio, e Federica Montseny a Saúde. Alguns dirão que eles servirão de álibi a uma “esquerda” que ainda não consegue reduzir a influência dos libertários junto à população.

Em dezembro de 36, Stalin replica: dará seu apoio oficial ao governo, em troca de postos-chaves no *Conselho Supremo de Segurança*, a polícia política. Dois dias depois, a *Pravda* anuncia sem nenhuma vergonha: “Na Catalunha, já começou a limpeza dos trotskistas e dos anarco-sindicalistas. Ela será conduzida com a mesma energia empregada na U.R.S.S.”. Já logo após a proclamação da República, *La Batalla* (comunista) escrevia o título: “Faísmo = Fascismo”.

O governo Caballero deslizará pouco a pouco para a obediência servil a Stalin, e abandonará os elementos de sua soberania aos stalinistas locais ou internacionais. Em 24 de dezembro, por exemplo, ele proíbe o porte de armas fora da linha do *front*. Quando os comunistas traírem seus “aliados”, o povo já não poderá defender-se. A partir do dia 27, uma campanha de difamação é lançada contra o P.O.U.M., o Partido Operário de Unificação Marxista.

É o princípio da confusão ideológica à “esquerda”, em particular nas Brigadas Internacionais, compostas de militantes de todos os países, vindos em auxílio, e que serão sabiamente manipulados por Stalin. O Komintern (3ª Internacional), por sinal, infiltrou, desde há muito, as fileiras das Brigadas com seus co-



missários políticos. Aqueles que tiverem bem servido e preparado a grande traição de Maio de 37 serão copiosamente recompensados após a guerra; por exemplo, Tito, Togliatti, ou Enrico Berlinguer, são alçados ao cimo de seus respectivos partidos.

O massacre começa em surdina. Liquidações bizarras passam despercebidas. O ministro do abastecimento, um homem de direita moderado, Comorera, suprime em janeiro de 37 os *Comitês de Abastecimento* e os *Comitês do Pão*. Às claras, isso significa a organização deliberada da penúria, em particular para os combatentes do *front*.

Desde abril, são as armas que já não chegam (absolutamente) na Catalunha. Esse boicote geral da revolução é obra dos stalinistas, mas também dos social-democratas de direita, e da direita moderada (este termo designa a direita não-franquista, aquela que respeita a decisão das urnas).

E o que fazem a C.N.T. e o povo libertário durante esse tempo? Nem todos os membros do sindicato são anarquistas, longe disso, mas todos vão defender de unhas e dentes a autonomia, a autogestão e a democracia direta adquiridas na luta.

Em Caspe, meados de fevereiro, as coletividades de Aragão federam-se: duzentos e setenta e cinco vilarejos, agrupados em vinte e cinco federações, representam cento e quarenta mil membros ativos. Número que doravante não cessará de crescer.

As fronteiras entre os vilarejos são desfeitas, voluntários deslocam-se de uma comuna à outra, as florestas são recuperadas, os gados aumentados, as sementes plantadas, criam-se fazendas e hortas experimentais, os pequenos proprietários são autorizados a permanecer fora das coletividades, mas, em contrapartida, não se beneficiam dos resultados. Todavia, os bens dos franquistas são tomados, os camponeses assumem o poder em suas fazendas. Criam-se escolas técnicas, organizam-se o lazer e a cultura, o desemprego desaparece como por encantamento, os salários são pagos por semana, os refugiados acolhidos pelas comunas. Um conselho de defesa substitui o prefeito. Tudo isso é detalhado no extraordinário livro de Gaston Leval, *Espagne Libertaire*², publicado em 1983.

Convocam-se as pessoas para as colheitas, de ambos os sexos e de todas as idades, rua por rua, bairro por bairro. As colheitas alimentam também as milicianas e os milicianos do *front*. Em muitos lugares suprimiu-se o casamento, mas cada novo casal tem direito a uma moradia mobiliada. A eletricidade é produzida pelas coletividades locais, utilizando as quedas d'água; uma barragem é construída em Villajoyosa para irrigar um milhão de amendoeiras. Esse verdadeiro milagre econômico (tendo em vista o prazo e as circunstâncias) é obra de uma sólida organização, de uma tradição de auto-educação e de um imaginário trabalhado por décadas pela C.N.T. Equipes coletivas dedicam-se a um problema particular, e trabalham em vários vilarejos simultaneamente.

No Levante, os camponeses inclusive inventam uma nova sobremesa, o "mel de laranja"! Alhures, um novo alimento para as aves.

Contra o analfabetismo, criam-se milhares de escolas; na Universidade Agrícola de Moncada, uma escola de secretariado (trezentos alunos). As comunas ricas ajudam as mais pobres. Num restaurante socializado, uma refeição custa quatro vezes menos que num restaurante normal. A produção cresce de maneira clara em toda parte. Para isso, os libertários não hesitaram em desviar os cursos d'água, cultivar a terra, construir moinhos, fazendas, refeitórios, creches.

Nos sindicatos, a coletivização segue o mesmo curso. Nas fábricas coletivizadas pode-se ler *Incantado* (sob o controle dos trabalhadores). Inclusive as dívidas dos capitalistas passam sob sua responsabilidade. Pela primeira vez os bondes funcionam bem na Espanha; são pintados de vermelho e negro, as cores da revolução.

Tudo isso em alguns meses! Durante esse breve período de poder real, os libertários organizam ou reorganizam o abastecimento de água, gás, eletricidade, as ferrovias, a medicina, a instrução pública (com a colaboração das outras tendências republicanas), as maternidades, os estabelecimentos de moagem. Em Elda, criam-se até mesmo novecentos novos modelos de calçados. Em Barcelona, instala-se um novo teleférico.

No *front*, as colunas realizam milagres cotidianos malgrado o boicote das armas e das munições pelos comunistas da retaguarda. A *Coluna Durruti* é a mais extraordinária e a mais respeitada. Mas também há a *Coluna de Ferro*, composta de presidiários, detentos e outros, libertados pela revolução. Nutridos pelos camponeses, eles armaram-se com as armas do inimigo... ou as roubaram. Mal-vistos pelos republicanos (que os tratam de bandidos ou, pior, *incontrolados*), eles revelar-se-ão, contudo, os mais confiáveis revolucionários, no combate bem como na vida cotidiana. Os proprietários estão aterrorizados, os comunistas querem liquidar os milicianos da *Coluna de Ferro*. Muito igualitaristas, não receberão soldo por vários meses; os



delegados possuem o mesmo estatuto e a mesma vida. Em março de 1937, eles serão integrados ao exército regular... melhor dizendo, desintegrados.

Em março de 37, em Barcelona, os primeiros embates provocados pelos stalinistas são imediatamente apartados pelos ministros da C.N.T. Mas, em maio, é o ataque definitivo dos comunistas e da direita contra a C.N.T.-F.A.I. e o P.O.U.M. A semana sangrenta de Barcelona começa em 3 de maio de 37. Conquanto o conflito seja latente, a traição dos stalinistas estupefeca a maioria dos combatentes.

O chefe (comunista) da polícia, Rodriguez Sala, sem prevenir o governo, assina ele próprio a ordem da missão. Os comba-

tes são terríveis em torno da central telefônica mantida pela C.N.T. desde julho de 36, e que os operários anarco-sindicalistas autogerem desde então. Na Catalunha, a greve é geral, todos estão nas ruas, armados.

Mas Rodriguez Sala preparou bem seu golpe. Nos meses precedentes ele constituiu as *Guardas de Assalto*, uma polícia política armada de onze mil homens (que teriam sido tão úteis no *front*). Ao som dos sinos, os anarquistas batem-se com fuzis, pistolas e granadas contra a artilharia, as metralhadoras e os tanques stalinistas... esse mesmo material que Durruti reivindicava há meses e que, segundo diziam, encontrava-se em algum lugar do *front*!

Desta vez, os ministros da C.N.T. não detêm nada. Cegos, eles buscam inclusive acalmar os libertários armados de Barcelona, desencadeando seu furor. Eis-los traídos por todos os lados. Há alguns meses os operários comunistas sabotam as empresas autogeridas, enquanto as autoridades "requisitam" o material necessário para fazê-las funcionar. Dizem que é para enviar ao *front*, que o exige, certamente, mas... nunca o receberá. Entrepostos inteiros serão constituídos com máquinas e material estocado para nada.

Os combates entre anarquistas e comunistas duram até o dia 6.³ Os stalinistas tomaram o centro da cidade, a C.N.T. está nos bairros. A ordem de recuo é dada pelo secretariado nacional da C.N.T. e *Solidaridad Obrera* pede calma.

Com o retorno da calma, o governo envia seis mil homens desarmar os anarquistas. Oficialmente todos devem depor as armas, mas as *Guardas de Assalto* serão autorizadas a conservar as suas! Os embates provocaram quinhentas mortes, mil feridos. O governo central está doravante em Valência, a C.N.T. vencida e a F.A.I. declarada ilegal. Ao mesmo tempo, a sede do P.O.U.M., no hotel Falcon, praça do Teatro, transformou-se em fortaleza com barricadas e sacas de areia, e os terraços cheios

de milicianos. Eles também cessarão os combates. A bem da verdade, o trágico recuo dos dirigentes da C.N.T. foi muito mal aceito. Os *Amigos de Durruti* (não confundir com a coluna do mesmo nome), que era um dos grupos mais decididos, mesmo após a morte de Durruti, propõem continuar o combate. Mas eles não serão seguidos.

A crise governamental chega como anunciada. É a direita dos republicanos que assume o poder... no papel. De fato... são os comunistas. Eles são os únicos a estar suficientemente organizados, militarizados. Ministros stalinistas encontram-se nos postos-chaves. A repressão será terrível. Pilhagens, assassinações, detenções ilegais (sem informar ao governo legal), prisões privadas do N.K.V.D. (quinze mil prisioneiros!)... será a parte dos revolucionários.

Em agosto, é proibido criticar Stalin e a U.R.S.S. O Conselho de Defesa de Aragão, último bastião libertário, é liquidado, e seu presidente, Joaquin Ascaso, preso.

Nos campos, Uribe, o ministro comunista da agricultura, vai sistematicamente destruir todas as coletividades agrárias, tudo o que fora construído durante esses meses de revolução, com raro encarniçamento. As divisões do novo exército republicano, dirigido pelos comunistas, quando elas vão ao *front*, são enviadas contra os camponeses das comunas autoge-



ridas. Seu principal chefe é o sinistro Lister, que mostrará menos entusiasmo diante de Franco alguns meses mais tarde (ele fugirá, simplesmente). É Lister que utilizará as Brigadas Internacionais para dissolver as coletividades.

Desde 1938 os grandes proprietários são convidados a recuperar suas terras. Nas fábricas, as estruturas autogestionárias são liquidadas à viva força.

A ordem logo reina. Quando os franquistas chegarem, não terão muito trabalho. Ele foi feito pelos comunistas. A traição, autorizada pelo governo legal, lembra aquela da Comuna de Paris, em que Thiers pactuou com o ocupante alemão para esmagar a Comuna, bem mais perigosa para ele do que as tropas prussianas.

Depois de ter liquidado as milícias populares, restauram-se, no exército, as patentes, a continência, a farda, a hierarquia, suprimidas pelos revolucionários. O soldo dos oficiais é de novo superior ao dos soldados.

A calúnia vai de vento em popa. O complô "anarco-trotskista" é retomado vivazmente pela imprensa estrangeira, sem nuances, seja ela pró-nazista ou pró-stalinista. No conjunto, ela diz a mesma coisa em ambos os casos. A imprensa socialista espanhola realizará a proeza de não falar uma palavra dos acontecimentos de maio de 37 em Barcelona!

Uma vez liquidada a revolução, Stalin não enviará mais armas, como se a continuação das operações não fosse mais que um detalhe sem importância. Seus partidários se farão varrer muito mais facilmente. Quanto às armas por ele fornecidas, elas ser-lhe-ão pagas com o ouro da República. Além de Orlov, seu principal testa-de-ferro é Antonov-Ovseenko, que havia combatido Makhno na Ucrânia. Em pouco tempo Stalin vai livrar-se dele, pois ele faz decididamente demasiado bem seu trabalho. Quanto a Lister, este sobreviverá. Ele será, até os anos 1980, o líder do P.C. ortodoxo refugiado em Moscou (e oposto àquele de

Carillo, o "eurocomunista"). Foram esses homens que conduziram a repressão, que mandaram assassinar os líderes da revolução espanhola, Camilo Berneri (um dos dois líderes italianos da coluna Ascaso, grande militante anarquista), Nin, Landau, Wolf, Moulin, Barbieri.

A C.N.T., cujos melhores elementos tinham morrido na guerra dos primeiros meses contra os franquistas, e cujos outros tinham sido liquidados pelos comunistas, já não soube reagir a essa ofensiva. E, depois, as democracias parlamentares europeias fizeram-se, enfim, ouvir. Desde maio de 37, três navios ingleses foram "proteger os interesses britânicos", prontos para intervir. Isso desempenhou um papel na desmoralização do campo revolucionário.

George Orwell, uma das melhores testemunhas dessa guinada da revolução, ele próprio socialista engajado nas fileiras do P.O.U.M., narra o terrível efeito que fez a propaganda stalinista sobre os combatentes, nem sempre a par das sutilezas da luta pelo poder: "Assim, eis o que éramos segundo os comunistas: trotskistas, fascistas, traidores, assassinos, covardes, espões etc. Imaginem todo o odioso de ver um jovem espanhol de quinze anos trazido do *front* sobre uma padiola, emergindo das cobertas, rosto exangue, estupefato, e pensar que esses senhores em trajes impecáveis estão, em Londres e em Paris, escrevendo tranqüilamente brochuras para provar que esse rapaz é um fascista disfarçado. Um dos aspectos mais abomináveis da guerra, é que toda a propaganda de guerra, os berros, as mentiras e o ódio, tudo isso é invariavelmente a obra de pessoas que não combatem. Os milicianos do Partido Socialista Unificado da Catalunha (P.S.U.C., fusão do Partido Comunista e do Partido social-democrata), que conheci no *front*, os comunistas das Brigadas Internacionais que me aconteceu de encontrar, nunca me chamaram, nem uns nem outros, de trotskista ou traidor; eles deixavam isso aos jornalistas da retaguarda."

De chacais da retaguarda, a França e a Inglaterra estavam repletas. *L'Humanité* de maio de 1937 trazia por título: *Putsch hitleriano*. Mas ele não visava àqueles que fizeram a cama de Franco; visava aos revolucionários.

Que a base do Partido Comunista tenha ficado afastado disso, como dá a entender Orwell, nenhuma dúvida. Inúmeros combatentes do *front*, membros das *Brigadas Internacionais*, de volta à Rússia, serão por sua vez liquidados.

É quase inútil contar o que se seguiu a isso. Franco não tinha esperado de braços cruzados. Ele não teve nenhuma dificuldade para anular os exércitos republicanos esvaziados de seu ardor revolucionário (questionava-se aí também malgrado a propaganda). A República foi vencida. Companys fugirá para a França. Não foi uma grande idéia. Pétain entregou-o a Franco. Ele será fuzilado em 1940.

Centenas de milhares de republicanos espanhóis foram encerrados em campos de trânsito na França antes de imigrar para toda a Europa. Sua experiência libertária enriquecerá o conjunto do movimento internacional. Anarquistas espanhóis prosseguirão o combate contra o fascismo, notadamente na resistência francesa. Nós os reencontraremos, na divisão Le-clerc, quando da liberação de Paris em 1944...

1. Governo catalão.

2. Esta obra será ública pela editora Imaginário no decorrer de 2003.

3. Em relação a esse assunto, ver a última parte do filme de Ken Loach, *Terra e Liberdade*.